



## **O Pragmatismo de Peirce e o método analítico: um diálogo possível**

Gerson Albuquerque de Araújo Neto

RESUMO: O presente texto tem o objetivo estudar o diálogo entre o pragmatismo de Peirce e a filosofia analítica.

ABSTRACT: This paper is study about the dialogue between the Peirce's pragmatism and the philosophy analytics.

Gerson Albuquerque de Araujo Neto é professor do mestrado em Ética e Epistemologia da Universidade Federal do Piauí e pós-doutorando em Filosofia na Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

### INTRODUÇÃO

A Filosofia Analítica defende a idéia de que os problemas filosóficos podem ser resolvidos através da linguagem. No entanto, a linguagem é bastante complexa. E desta complexidade, podemos inferir a seguinte pergunta: A Filosofia Analítica é capaz de tratar de todos os problemas filosóficos. A nosso ver não. Isto porque uma expressão lingüística diz muito mais do que está expressa nela. Por exemplo, na frase: “Ainda não fumei hoje” pode-se inferir que em outros dias a pessoa que fala fumou. Marcas de pneus no asfalto podem significar que um carro freiou bruscamente. Podemos inferir, então, a necessidade da filosofia analítica dialogar com outras filosofias ou metodologias filosóficas. O objetivo deste trabalho é mostrar que é possível o diálogo do método analítico com o Pragmatismo peirceano.

Charles Sanders Peirce foi um grande filósofo americano que viveu e produziu sua filosofia no final do século XIX e início do século XX. Peirce mostrou a importância do signo na linguagem. Esta sua preocupação fez com ele criasse uma ciência chamada semiótica.

Para Peirce signo é algo que representa alguma coisa para alguém. Ele elaborou uma classificação para os signos. Para o nosso trabalho escolhemos três delas. É a classificação em ícone, índice e símbolo.

Ícone é o tipo de signo onde a coisa representada e sua representação estão numa relação de correspondência. Exemplo: uma pessoa e sua fotografia. A fotografia é um signo, ou seja, representa a pessoa sem, no entanto, não é a pessoa.

Já o índice é uma representação onde a coisa representada e sua representação estão numa relação de causa e efeito. Por exemplo, fumaça representa fogo. Mesmo sem vermos o fogo, se vemos fumaça, podemos inferir que há fogo.

O símbolo é o tipo de signo onde a coisa representada e sua representação é resultado de uma convenção ou acordo. Por exemplo, a bandeira de um país. As cores do uniforme de um time de futebol.

Podemos ver que a linguagem não é tão simples. Desprezar estas contribuições da semiótica é reduzir as possibilidades de entendimento da linguagem.

#### A FILOSOFIA ANALÍTICA

A filosofia no último século e meio sofreu o que Michael Dummet chama de Linguistic Turn ou reviravolta lingüística. É uma terceira mudança de eixo. Podemos identificar o primeiro eixo da filosofia como o ser, principalmente na antiguidade, sendo que na época medieval o ser seria Deus. Com Descartes o eixo mundo passa do o ser para o conhecer. E com Frege, o eixo da filosofia, passa a ser a linguagem.

A filosofia analítica se caracteriza pela corrente dentro da filosofia que acredita que os problemas filosóficos podem ser estudados e solucionados pela análise da linguagem.

Esta análise trabalha com um instrumental que é a lógica com seus princípios da identidade, princípio da não contradição e do terceiro excluído. E também com a lógica contemporânea que avançou bastante nos últimos 50 anos.

A Filosofia Analítica trabalha com um princípio de que todo problema pode ser expresso em linguagem. Que trás como consequência só podermos tratar de problemas que possam ser expressos na linguagem. Contudo, sabemos que diversas são as linguagens. A filosofia analíticas aceita todas! A resposta é não.

Outra exigência da filosofia analítica é que a linguagem precisa ter compromisso com a razão, com a lógica e para alguns com o empirismo.

Podemos datar o início da filosofia analítica com os trabalhos de Gottlob Frege. Frege observou que a linguagem cotidiana era imperfeita. Passou então a buscar uma linguagem sem imperfeições. Apontou a aritmética como esta linguagem, no entanto, estudando a aritmética com mais profundidade verificou que também esta não era perfeita. Acredita, então, que a lógica seria esta linguagem. Passa a um trabalho de fundamentar a aritmética na lógica. Inicia este projeto e percebe que também a lógica clássica ou aristotélica precisava ser aperfeiçoada. Até então a lógica aristotélica tinha praticamente ficado intacta desde sua criação por Aristóteles.

Frege cria a linguagem do cálculo proposicional e a linguagem do cálculo de predicados. Ele introduziu, na lógica, os quantificadores universais e existenciais. Iniciando uma revolução da lógica que não parou até os nossos dias. É curioso que Peirce de forma independente e sem conhecimento dos trabalhos de Frege tenha desenvolvido trabalhos semelhantes nos Estados Unidos.

Frege contribui com a idéia de Sinn e Bedeutung sentido e referência. Mostrando que um determinado objeto pode ter uma mesma referência e sentidos diferentes. É famoso caso da estrela da manhã.

Russell continua os o projeto Logístico. No seu trabalho *Da Donação* discute as proposições existenciais. Faz uma discussão bem sucedida sobre os entes fictícios. Defende a proposta de resolução dos problemas lingüísticos através do atomismo lógico.

Ludwig Wittgenstein, talvez o maior filósofo do século também se preocupou com a linguagem. Seus comentadores costumam dividir sua obra em duas fases. A primeira seria a do *Tractatus* e a segunda a da obra *Investigações*.

O círculo de Viena é um grupo de filósofos que eram liderados por Moritz Schlick, Rudolf Carnap, Hans Hahn, Otto Neurath, Frederick Waissmann. Eles estudaram a primeira obra de Wittgenstein e postularam as seguintes idéias:

1. As proposições podem ser divididas em proposições sensatas e proposições insensatas.
2. O critério para esta divisão é o da verificação empírica.
3. Aquelas proposições que não passam neste critério devem ser descartadas.
4. Só as ciências naturais são constituídas de proposições sensatas.

5. A lógica e matemática são constituídas de proposições analíticas.
6. A metafísica e a ética são constituídas de proposições que não podem ser verificadas empiricamente, portanto, embora gramaticalmente impecáveis são sem sentido.
7. A tarefa da filosofia é clarificar a linguagem.

Para a filosofia analítica as proposições devem possuir clareza, rigor, coerência e racionalidade.

### A SEMIÓTICA

Existem outras formas de trabalhar a linguagem tais como a Análise do Discurso, Análise de Conteúdo, Hermenêutica ou famílias de hermenêuticas, a dialética, no entanto, fizemos opção pela semiótica.

Precisamos alertar que há vários teóricos da semiótica. Podemos destacar Greimas, Jacobson, Morris, Hjelms, Umberto Eco e outros. Mas o nosso trabalho se restringe ao filósofo americano Charles Sanders Peirce.

Conforme Armando Mora D'Oliveira, na coleção os Pensadores, no volume dedicado a Peirce, “A maior parte dos historiadores da filosofia considera Charles ‘Santiago’ Sanders Peirce como o maior e mais original pensador que já surgiu na América do Norte”. Ele vai adiante e diz: “Exemplo relativamente raro de ‘filósofo maior influenciando outros filósofos maiores’, Peirce foi o criador da mais importante corrente de idéias surgidas na América do Norte e que se estendeu por todo o mundo no século XX: o pragmatismo”.

Peirce influenciou um grande número de filósofos americanos. Podemos destacar William James e John Dewey.

Criou a semiótica, que é a ciência dos signos. Os estudos sobre Peirce ganharam, na segunda metade do século uma importância no mundo inteiro, inclusive no Brasil.

O conhecimento é feito ou produzido num trabalho de um sujeito para apreender intelectualmente um objeto ou objetos. Assim como é mais preciso se falar de sujeitos, pois normalmente o conhecimento não é produzido por uma pessoa isolada.

Na produção do conhecimento, em vez de ser uma relação dual sujeito e objeto, Pierce propõe uma relação ternária, onde encontramos o objeto trabalhado, o sujeito que interpreta ou trabalho o objeto e a representação do objeto.

Peirce afirma que esta relação não é dual, mas triádica. Assumindo esta relação temos a primeira classificação feita por Peirce com a seguinte tríade: Qualissigno, Sinsigno e Legissigno.

Para Peirce Qualissigno “é uma qualidade que é um signo”. (PEIRCE, 1990, p. 52). Para ele um qualissigno só se torna símbolo quando se corporifica.

O Sinsigno “é uma coisa ou evento existente e real que é um signo”. (PEIRCE, 1990, p52). O exemplo seria uma foto ou um postal de um monumento. Ele representa um monumento existente. Pode-se dizer que um sinsigno envolve mais de um qualissigno.

E um Legissigno “é uma lei que é um signo”. (PEIRCE, 1990, p52). Normalmente é resultado de convenções, ou mesmo determinada pela natureza.

Para ilustrar os três casos podemos apresentar o exemplo de um semáforo no trânsito. Digamos que o semáforo esteja vermelho. A vermelhidão é o qualissigno. O semáforo com a cor vermelha ligado é o sinsigno e o entendimento para o motorista parar o carro é o legissigno. O mesmo processo vale para o entendimento das cores verde e amarela.

A terceira tricotomia dos signos produzida por Peirce é: Rema, Dicissigno ou Dicente e Argumento.

Segundo Peirce “um rema é um signo, que para seu Interpretante, é um Signo de Possibilidade qualitativa, ou seja, é entendido como representando esta ou aquela espécie de objeto possível”. (PEIRCE, 1990, p. 53). As palavras homem, João, brasileiro e mortal são signos. Mas apresentam possibilidades de signos. É possível com a combinação delas representar algo.

“Um Signo Dicente é um Signo que, para seu Interpretante, é um Signo de existência real”. ( PEIRCE, 1990,p 53). A foto no passaporte representa um determinado cidadão de um país. É o resultado da combinação de vários remas. No caso do parágrafo anterior podemos alguns homens são brasileiros.

“Um Argumento é um Signo que, para seu Interpretante, é Signo de lei”. (PEIRCE, 1990, p. 53). É caso de uma combinação de alguns discentes.

Para Peirce na relação sujeito objeto há uma fenomenologia ou faneroscopia. Para ele esta fenomenologia era triádica. Haveria a primeiridade, a segundidade e a terceridade.

No nível da primeiridade temos a impressão imediata a consciência. É inicialmente original, espontânea.

No nível da segundidade percepção de eventos exteriores, da matéria, da realidade concreta.

Terceiridade estado inteligível da experiência, da cognição, da representação. É a etapa mais elaborada do intelecto no trabalho de formação dos símbolos.

Os signos ícone, índice e símbolo não podem ser estudados separadamente. Por exemplo WC para significar banheiro, só entendível para quem conhece, pelo menos a convenção. É claro, muitas vezes o interpretante nem conhece as palavras Water e Closed em inglês. Mas conhece a convenção.

Uma placa com um desenho de um cigarro sem atravessado por uma diagonal. Toda vez que vemos esta placa inferimos que no local onde se encontra aquela placa é proibido fumar. Neste caso há a associação do ícone, pois o desenho representa o cigarro, mas a faixa na diagonal é convencional. Portanto, neste caso há a utilização de ícone com símbolo. É por isto que em qualquer país as pessoas entendem este signo.

O mesmo ocorre com o signo que diferencia os lugares de subida e descida dos aviões nos aeroportos. O desenho de um avião subindo e um avião descendo é um ícone e um símbolo.

Os signos também têm um desenvolvimento histórico. Pois a cultura e a história de um povo não são estáticas e sim dinâmicas. É o caso da cruz para o cristianismo. No início era sinal de castigo, mas evoluiu para representar os cristãos.

### CONCLUSÃO

Ora o método analítico parece trabalhar com uma correspondência estrita entre a palavra e o objeto. A semiótica não. Ocorre muitas vezes que objeto não pode ser expresso em palavras. Esta é uma vantagem da semiótica. Ela permite ao interpretante lidar com objetos que não estão expressos.

A semiótica permite, também, o entendimento, do interpretante de objetos em outras línguas. É o caso do exemplo, já discutido, das placas proibindo alguém de fumar.

É curioso que o próprio Peirce aproxime a semiótica da exigência da racionalidade da filosofia analítica. Para ele a semiótica envolve os processos lógicos. Ele chega a afirmar: “Em seu sentido geral, a lógica é, como acredito ter mostrado apenas um outro nome para semiótica”. (PEIRCE, 1990, p. 45). Podemos ver aqui que a semiótica, por ser igualada a lógica é racional. Isto, portanto, aproxima a semiótica da filosofia analítica.

Outra vantagem da semiótica é que ela vai além do discurso. Ela estuda fotos, pinturas, figuras, cinema, gestos, vestuário, religião, música, artes visuais. Portanto, ela pode complementar a filosofia analítica no entendimento do mundo.

Para Peirce o homem transforma em signos tudo que o cerca e tudo com o que se relaciona. Muitos destes signos não podem ser trabalhados pela filosofia analítica, logo, a semiótica pode ser a complementação para a filosofia analítica.

Há, ainda, uma parte do mundo que não está expresso na linguagem racional. Desprezá-la é limitarmos o entendimento do mundo.

Acreditamos que a semiótica pode ser de importante ajuda se aliando a filosofia analítica na compreensão e explicação da realidade.

O auxílio da semiótica à filosofia analítica permite que não se reduza o trabalho do filósofo a linguagem ao verbal ou oral.

#### BIBLIOGRAFIA

- AYER, Alfred Jules. *Linguagem, verdade e lógica*. Lisboa: Presença, 1991.
- NORTH, Winfried; SANTAELLA, Lucia. *Comunicação e semiótica*. São Paulo: Hacker, 2004.
- NORTH, Winfried; SANTAELLA, Lucia. *Semiótica*. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- PEIRCE, Charles. *Semiótica e filosofia*. São Paulo: Cultrix, 1972.
- PEIRCE, Charles. *Semiótica*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- SANTAELLA, Lucia. *Assinatura das coisas*. São Paulo: Imago, 1992.
- SANTAELLA, Lucia. *Teoria geral do signo*. São Paulo: Thomson Pioneira, 2002.
- SANTAELLA, Lucia. *Semiótica aplicada*. São Paulo: Thomson Pioneira, 2002.
- SANTAELLA, Lucia. *Método anti-cartesiana de Charles S. Peirce*. São Paulo: Unesp, 2004.
- SEABEOK, Thomas. *Encyclopedic dictionary of semiotics*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 1994.